

EMPREENDEDORISMO FEMININO: UMA AUTOBIOGRAFIA NARRATIVA DE UMA EMPRESÁRIA DO SETOR DE ESTÉTICA

Eliara Linhares¹

Resumo: o presente artigo tem como tema o empreendedorismo feminino que compreender de que forma o empreendedorismo contribui para o desenvolvimento pessoal, a autonomia e a realização da mulher. A pesquisa parte da trajetória de vida da autora, que, ao longo de sua experiência profissional na área da beleza e posteriormente nos estudos em Ontopsicologia, passou a refletir sobre o trabalho feminino como instrumento de crescimento humano, criatividade e transformação da própria realidade. O estudo foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica e narrativa autobiográfica. A fundamentação teórica baseia-se nas obras de Antonio Meneghetti, entre as quais: *Feminilidade como Sexo, Poder e Graça* (2013), *Inteligência e Donità* (2017) e *Pedagogia Ontopsicológica* (2014), além da obra *Desenvolvimento como Liberdade*, de Amartya Sen (2007). A pesquisa busca compreender como a Ontopsicologia pode colaborar para que a mulher reconheça seu potencial intelectual, criativo e empreendedor. Considera-se que o empreendedorismo feminino representa não apenas independência econômica, mas também possibilidade de autorrealização, identidade, autonomia e desenvolvimento humano, refletindo positivamente na família e na sociedade.

Palavras-chave: desenvolvimento; autonomia; autorrealização.

Female entrepreneurship: a narrative autobiography of a businesswoman in the aesthetics sector

Abstract: This article addresses the theme of female entrepreneurship and seeks to understand how entrepreneurship contributes to women's personal development, autonomy, and self-fulfillment. The research is based on the author's life trajectory, who, throughout her professional experience in the beauty industry and later in her studies in Ontopsychology, began to reflect on women's work as an instrument of human growth, creativity, and transformation of reality itself. The study was developed through a bibliographic review and autobiographical narrative. The theoretical foundation is based on the works of Antonio Meneghetti, including *Femininity as Sex, Power and Grace* (2013), *Intelligence and Donità* (2017), and *Ontopsychological Pedagogy* (2014), as well as *Development as Freedom* by Amartya Sen (2007). The research seeks to understand how Ontopsychology can contribute to helping women recognize their intellectual, creative, and entrepreneurial potential. It is considered that female entrepreneurship represents not only economic independence, but also the possibility of self-realization, identity, autonomy, and human development, positively reflecting on the family and society.

Keywords: development; autonomy; self-realization.

Emprendimiento femenino: una autobiografía narrativa de una empresaria del sector de la estética

Resumen: El presente artículo tiene como tema el emprendimiento femenino, que busca comprender de qué manera el emprendimiento contribuye al desarrollo personal, la autonomía y la realización de la mujer. La investigación parte de la trayectoria de vida de la autora, quien, a lo largo de su experiencia profesional en el área de la belleza y, posteriormente, en los estudios de Ontopsicología, pasó a reflexionar sobre el trabajo femenino como instrumento de crecimiento humano, creatividad y transformación de la propia realidad. El estudio fue desarrollado mediante revisión bibliográfica y narrativa autobiográfica. La fundamentación teórica se basa en las obras de Antonio Meneghetti, entre las cuales: *Feminilidade como Sexo, Poder y Gracia* (2013),

¹ Bacharelada em Ontopsicologia pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). E-mail: eliarapolidoro@gmail.com

Inteligencia y Donità (2017) y *Pedagogía Ontopsicológica* (2014), además de la obra *Desarrollo como Libertad*, de Amartya Sen (2007). La investigación busca comprender cómo la Ontopsicología puede colaborar para que la mujer reconozca su potencial intelectual, creativo y emprendedor. Se considera que el emprendimiento femenino representa no solo independencia económica, sino también la posibilidad de autorrealización, identidad, autonomía y desarrollo humano, reflejándose positivamente en la familia y en la sociedad.

Palabras clave: desarrollo; autonomía; autorrealización.

1 Introdução

Durante muito tempo, a vida da mulher esteve associada quase exclusivamente ao casamento, à maternidade e aos cuidados do lar. Assim também aconteceu comigo. Aos 21 anos, como muitas mulheres dos anos 80, acreditava que casar e construir uma família era o principal projeto de vida feminino. Porém, mesmo vivendo dentro desse modelo considerado ideal para a época, existia dentro de mim uma inquietação silenciosa, um sentimento de que algo ainda faltava.

Antes mesmo da chegada dos meus filhos, já existia uma necessidade interior de realizar algo além das funções domésticas. Com o passar dos anos, essa vontade foi se tornando mais evidente, até que decidi buscar uma profissão e iniciei minha formação como cabeleireira, manicure e pedicure. Posteriormente, trabalhando em salão de beleza e depois atendendo a domicílio, descobri-se não apenas uma profissão, mas uma forma de expressão, criatividade e realização pessoal.

Ao empreender no meu próprio trabalho, percebi que a partir da satisfação das clientes também sentia o nascimento de satisfação ao realizar aquele serviço. O trabalho deixou de ser apenas uma fonte de renda e passou a representar autonomia, identidade e crescimento pessoal. Em cada atendimento, em cada inovação e até nas pequenas obras de arte que criava nas unhas das clientes, existia uma mulher que começava a reconhecer seu próprio valor e capacidade.

Anos mais tarde, já cursando bacharelado em Ontopsicologia, ao estudar temas relacionados ao empreendedorismo e ao desenvolvimento humano, compreendeu-se de maneira mais profunda aquilo que havia vivido na prática. Os estudos mostravam que a atuação ativa da mulher transforma positivamente não apenas sua própria vida, mas também a família, o ambiente social e a comunidade em que vive. Essa compreensão despertou o interesse em refletir sobre o verdadeiro significado do empreendedorismo feminino.

Ao longo das pesquisas, foi possível observar que muitas abordagens ainda apresentam a mulher empreendedora sob uma ótica de sofrimento, sobrecarga e vitimização. Contudo, mesmo diante das dificuldades existentes, torna-se evidente a força, a inteligência, a criatividade e a capacidade de liderança presentes nas mulheres que decidem construir o próprio caminho.

Dessa forma, essa pesquisa busca compreender o empreendedorismo feminino não apenas como necessidade econômica, mas como possibilidade de autorrealização e desenvolvimento humano. Busca-se também analisar de que maneira a Ontopsicologia pode colaborar para que a mulher reconheça seu potencial, desenvolva consciência de si mesma e encontre o ponto-chave entre sua vida pessoal, familiar e profissional, sem cair em disputas estereis entre o feminino e o masculino.

Em 2023, quando dei início a mais uma jornada com o bacharelado em Ontopsicologia du-

rante o curso, ouvi muito o termo “empreender” e a capacidade que a mulher tem de mudar a própria realidade.

No segundo ano do bacharelado, realizei um trabalho sobre o livro: *Desenvolvimento como Liberdade*, do escritor indiano Amartya Sen (2007). Nesse livro, há passagens que mostram que se a mulher atua de forma ativa, acontece um desenvolvimento social muito elevado em relação aos lugares onde as mulheres permanecem passivas, tanto dentro da família quanto no ambiente em que vivem.

Ao realizar leituras sobre o tema, encontrava quase sempre as mesmas colocações: a mulher empreendedora não era vista como um ser inteligente e capaz, mas frequentemente apresentada como vítima, obrigada a enfrentar dupla jornada: cuidar do lar e trabalhar fora. Como se trabalhar fora fosse algo errado, mas que no fundo é também fonte de prazer, realização e escolha.

Mesmo diante dessas denominações, percebia explicitamente nas narrativas a força, a garra e a inteligência das mulheres. Era justamente isso que evidenciava na prática empresarial: o que verdadeiramente significa o empreendedorismo feminino.

Nos dias de hoje, observo que muitas mulheres se colocam primeiro para a condição de “fêmea”, criando conflitos e problemáticas contínuas em suas vidas. Mesmo com tantas informações e facilidades de acesso ao conhecimento, inclusive entre mulheres que já estão na universidade, a grande maioria ainda prioriza apenas esse aspecto, deixando em segundo plano a empreendedora, a líder, a mulher capaz de administrar o próprio cotidiano e construir a própria realidade.

Dentro dessas problemáticas observadas, busca-se compreender com este estudo como a Ontopsicologia pode colaborar para que a mulher se reconheça como um ser inteligente, capaz de administrar sua vida pessoal juntamente com a família e também encontrar seu próprio caminho no empreendedorismo. Podendo-se questionar: de que forma o empreendedorismo feminino contribui para o desenvolvimento pessoal?

Tendo-se como objetivo compreender de que forma o empreendedorismo feminino contribui para o desenvolvimento pessoal, a autonomia e a realização da mulher, utilizando como base a narrativa autobiográfica da autora associada à revisão bibliográfica. Busca-se ainda, refletir sobre o empreendedorismo não apenas como meio de geração de renda, mas também como instrumento de crescimento humano.

O estudo também objetiva analisar como a Ontopsicologia pode colaborar para que a mulher desenvolva maior consciência de si mesma, reconhecendo suas capacidades, potencialidades e responsabilidade diante da própria vida. Pretende-se ainda compreender a relação entre identidade feminina, trabalho, família e autorrealização, evidenciando que a atuação ativa da mulher pode gerar desenvolvimento positivo tanto para si mesma quanto para o contexto social em que está inserida.

2 A contribuição da Ontopsicologia para o empreendedorismo feminino

A Ontopsicologia apresenta caminhos para que a mulher possa se conhecer, verificar a si mesma e descobrir o potencial que possui dentro de si, sem cair na disputa habitual entre o feminino e o masculino.

Segundo Meneghetti (2013) a liberdade prática depende da capacidade de sustentar a própria vida, sem independência financeira, a mulher fica dependente de decisões, permissões ou ajuda de outros. A segurança verdadeira estaria na competência, no trabalho e na possibilidade contínua de gerar renda. A autonomia financeira permitiria autenticidade nas escolhas pessoais, afetivas e profissionais, administrar a própria vida econômica faz parte da formação humana e da construção da liberdade.

O autor ainda destaca (...) “O primeiro ponto ao qual a mulher deve referir-se constantemente, para além das tantas coisas que tem (o corpo, a família, os amigos, inteligência etc.), é a necessidade de não perder de vista o próprio espaço, a própria referência de segurança econômica” (Meneghetti, 2013, p. 288). A base econômica é a garantia da liberdade, da autonomia, e o direito de ser como se é, pois, “se não tem o seu dinheiro, não pode fazer todas as outras coisas, está sempre sobre empréstimo. Se quer atuar na liderança, deve controlar a própria base econômica. A base econômica não é a conta no banco, mas é o local de trabalho, [...] a pequena mina do qual extrai a própria riqueza cotidiana”, (Meneghetti, 2013, p. 288), o lugar onde a mulher ganha, o lugar que lhe dá renda contínua é o ponto-chave da sua autonomia.

Esse ponto precisa ser controlado e mantido de modo integral, só é “deixado somente se for construído um outro. A educação ao ponto econômico é o princípio da liberdade da pessoa humana. A referência-base é a economia de si mesmos” (Meneghetti, 2013, p. 288).

Na perspectiva de Meneghetti (2014) a mulher não nasce destinada obrigatoriamente à maternidade ou ao casamento. Segundo o autor, ter

filhos e casar devem ser escolhas conscientes à realização pessoal da mulher. O matrimônio é apresentado com uma possibilidade entre várias formas de realização, e a relação entre homem e mulher é entendida como uma complementaridade baseada na autonomia de ambos.

No artigo elaborado por Gonçalves (2025), fundamentado na perspectiva da Ontopsicologia, a mulher empreendedora é compreendida para além de determinações biológicas ou sociais. A autora destaca que o diferencial da liderança feminina está na inteligência administrativa manifestada diante dos desafios cotidianos, especialmente na capacidade de transformar problemas em soluções criativas e eficazes.

Conforme a concepção apresentada por Meneghetti (2013), ao ouvir uma mulher líder, não se percebe apenas a figura feminina em si, mas uma mente inserida no contexto do problema, capaz de agir com racionalidade, estratégia e competência. Dessa forma, a liderança feminina é entendida como expressão de inteligência prática e autonomia decisória.

Além disso, o autor evidencia que essa inteligência não constitui uma característica fixa ou natural, mas um potencial continuamente desenvolvido. Segundo Meneghetti (2017), a mulher se fortalece por meio de escolhas coerentes, da autodefesa psicológica e da centralidade em si mesma, aspectos que permitem à mulher consolidar sua autenticidade e eficiência no contexto empreendedor.

A Ontopsicologia destaca que a mulher empreendedora não é definida por seu papel biológico ou social, mas pela inteligência administrativa que manifesta ao enfrentar desafios e transformar problemas em soluções criativas. Nesse sentido, “quando se houve uma mulher lí-

der falar, não se houve a ‘fêmea’, mas sim a inteligência administrativa, ou seja, é uma mente que está dentro do problema” (Meneghetti, 2013, p. 326). Essa “inteligência feminina, contudo, não é um dado estático; ela é cultivada, defendida e demonstrada em cada decisão acertada e centrada em si mesma” (Gonçalves, 2025, p. 17).

Enfrentando os desafios as mulheres reforçam a capacidade que tem de transformar não somente suas realidades, mas toda uma estrutura ao seu redor, pode ser uma estrutura familiar, social, uma comunidade ou em qualquer contexto que ela decidir intervir, como fala Meneghetti, (2017) “a mulher é feita com mais rotundidade e é percebida e percebe em modo mais tolerante,” (Meneghetti, 2017), por isso, ela tem a capacidade de transformar.

Portanto, como empreender significa modificar estruturas, reinventar, criar algo que faça a diferença em âmbitos que agregam o crescimento tanto pessoal quanto econômico, a mulher vem aparecendo cada vez mais no ramo empresarial como micro empreendedora.

Nas pesquisas realizadas pode-se perceber o quanto a mulher desenvolve este potencial de criar o próprio negócio, muitas vezes partindo do zero.

As mulheres começaram a empreender no Brasil recentemente, foi a partir do ano 2000 em que a mulher foi ganhando mais independência e foi perdendo aquela atitude de ser sempre dependente de alguém primeiro eram dependentes dos pais, depois casavam se tornavam dependentes dos maridos.

Como fala Amartya Sen, (2007) “as mulheres são encaradas não mais como receptoras passivas” (Sen, 2007), mas sim como agentes ativas de mudanças.

As mulheres são encaradas “não como receptoras passivas de auxílio para melhorar seu bem-estar, as mulheres são vistas cada vez mais, tanto pelos homens como elas próprias, como agentes ativas de mudanças: promotoras dinâmicas de transformações sociais que podem alterar a vida das mulheres e dos homens” (Sen, 2007, p. 22). Na arte de viver, a vida não é mais palestra, mas só orquestra a ser dirigida, para que toque a pessoal inspiração (Meneghetti, 2017, p. 98)

2.1 A capacidade da mulher de se retomar, de construir caminhos próprios com expressão concreta de força e inteligência

A vida é feminina: o tempo, a neve, as chuvas, as luas, os mares, tudo é fêmea. Um vai com outro beatamente, sem problemas: um furacão aqui, um terremoto ali, um espasmo de flores, um voo de pássaros, a aurora o pôr do sol (Antonio Meneghetti).

A mulher possui uma estrutura mais flexível, tolerante e receptiva diante da vida, percebendo e sendo percebida de modo menos rígido e mais conciliador. Sua capacidade de adaptação permite que reorganize rapidamente suas emoções e circunstâncias, mesmo em momentos de sofrimento ou aparente colapso. Muitas vezes, um pequeno elemento significativo — uma notícia, uma lembrança, um perfume, uma conversa ou qualquer estímulo que desperte interesse e sentido — é suficiente para reacender sua vitalidade interior. Aquilo que antes parecia obscurecido pela dor transforma-se novamente em possibilidade e luz. Desse modo, compreende-se que, para a mulher, nada é absolutamente definitivo, pois a vida permanece aberta a novas conexões, significados e caminhos possíveis (Meneghetti, 2017, p. 23).

Embora, seja recente o início do empreendedorismo feminino as pesquisas mostram que eram poucas as mulheres que participavam do ramo empresarial e quando decidiam por este caminhar, começavam muito cedo como conta Nadir Moreno quando decidiu com 14 anos construir por si mesma a própria independência a própria autonomia (autossustento de si mesma).

(...) Nadir Moreno tinha apenas 14 anos quando entendeu e decidiu que construiria, por si mesma, a própria independência. Viu no trabalho uma oportunidade de conquistar tudo que almejava. Quinta filha de oito irmãos, Nadir teve que correr desde pequena para alcançar o que desejava, trazendo consigo o gosto pela ação e um espírito competitivo que ajudaram a desenvolver uma carreira executiva dentro de uma empresa multinacional centenária e de um segmento majoritariamente constituído e liderado por homens (Schaefer e Lopes, 2024, p. 173).

Logo, é um exemplo que pode ser citado de uma mulher no empreendedorismo feminino brasileiro que alcançou sucesso pelo trabalho, partindo da decisão e da ação. Desse modo, evidencia-se que o empreendedorismo feminino não nasce apenas da necessidade econômica, mas também da decisão de construir autonomia, identidade e protagonismo social. A trajetória de Nadir Moreno demonstra que a mulher, ao assumir desde cedo a responsabilidade pela própria vida, desenvolve competências como iniciativa, persistência e capacidade de liderança. Seu percurso revela que o sucesso no empreendedorismo está diretamente relacionado à ação concreta, à determinação e à capacidade de transformar dificuldades em oportunidades de crescimento.

2.2 A autonomia das mulheres

A autonomia das mulheres depende de como elas se constroem no seu cotidiano, como desde cedo se veem dentro da sociedade, as mulheres têm capacidade de escolher e tomar decisões em diferentes caminhos relacionados em um contexto pessoal, vai desde escolhas simples como, onde viver, o que fazer, onde trabalhar.

Como evidencia Meneghetti (2017) é tendo um trabalho, um ponto que a identifique, que lhe dê referência do quanto ela pode ser, em qualquer âmbito, seja familiar, social onde quer atuar, trabalhando como agente ativa como fala Sem (2007): a mulher só consegue trabalhando fora de casa tendo sua própria renda a própria autonomia para autogerir-se ajudando e contribuindo para a prosperidade da família, e o seu pleno desenvolvimento quanto mais informada e qualificada mais autonomia possui, podendo auxiliar em vários contextos tanto social, quanto familiar, político ou em qualquer estrutura que a mulher decidir atuar.

Pode-se ressaltar diversos aspectos da situação feminina (potencial para auferir rendimentos, papel econômico fora da família, alfabetização e instrução, direitos de propriedade, etc) podem, à primeira vista, parecer demasiadamente variados e díspares. Mas o que todas têm em comum é sua contribuição positiva para fortalecer a voz ativa e a condição de agente das mulheres, por meio da independência e do ganho de poder. Por exemplo: trabalhar fora de casa e auferir uma renda independente tende a produzir um impacto claro sobre a melhora da posição da mulher em sua casa e na sociedade.

Sua contribuição para a prosperidade da família, nesse caso, é mais visível, e a mulher também ganha mais voz ativa, pois depende menos dos outros. Além disso, com frequência o emprego fora de casa tem efeitos “educativos”, expondo a mulher ao mundo fora de sua casa, aumentando a eficácia de sua condição de agente. Analogamente, a instrução da mulher reforça sua condição de responsável e tende a torná-la mais bem informada e qualificada. A propriedade de bens também pode tornar a mulher mais poderosa nas decisões familiares.

As diversas variáveis identificadas na literatura desempenham, portanto, um papel unificado de dar poder às mulheres. Este papel tem de ser relacionado ao reconhecimento de que o poder feminino, independência econômica e emancipação social, pode ter grande projeção sobre as forças e os princípios organizadores que governam as divisões dentro da família e na sociedade e pode, em particular, influenciar o que é implicitamente aceito como “intituleamentos das mulheres” (Sem, 2007, p. 223).

2.3 O próprio espaço para se estruturar, buscar compreender onde encontrar o próprio espaço, aquele que a torna mais

Para se estruturar a mulher deve compreender onde encontrar o próprio espaço aquele que a torna mais, que a dignifique, que a faça sentir parte da organização social, de uma forma onde ela consiga se sentir mais, construindo o próprio espaço constrói junto a própria vida a base econômica a própria liberdade de ir e vir como. “O caminho está sempre naquilo que já somos ou, se não compreendemos aquilo que somos, está sempre naquilo que temos: aqueles co-

nhecimentos, aquela fábrica, aquelas relações, aquela cultura. Enquanto transformamos em crescimento as possibilidades chegamos a qualquer dimensão” (Meneghetti, 2017, p. 155).

Para estar de forma ativa no novo padrão, é estar ativamente participativa, não só na vida familiar, mas em todos os segmentos.

Atualmente, como o empreendedorismo feminino está em expansão, as mulheres que desejam empreender têm o apoio em diferentes áreas, mesmo que pareça pouco, em comparação aos anos 2000, em que a mulher começou a ser mais ativa no mundo dos negócios o qual era visto como o mundo somente masculino. No ano de 2025 é possível conseguir melhores resultados no mundo empresarial por conta da alta formação que tem a mulher hoje, como possuir graduação no ensino superior. A prova disso é que no Brasil as mulheres possuem diplomas em diferentes áreas do conhecimento, isso tem sido um facilitador para a mulher empreender em vários segmentos.

Uma pesquisa feita em 2019 pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), demonstra que as mulheres empreendedoras crescem cada vez mais em todos os ramos e estima-se em uma numeração de 24 milhões de mulheres que demonstram que podem fazer a diferença por onde passarem.

Observa-se que na contemporaneidade expande muito o empreendedorismo feminino e há muitas mulheres à frente disso como: Luiza Trajano (Magazine Luiza), Camila Farani (G2 Capital), Cristina Junqueira (Nubank), dentre outras grandes mulheres. Segundo Ana Fontes, presidente da Rede Mulher Empreendedora (RME), “empreendedoras são criativas, inovadoras e não têm medo das crises” (Ingiz-

za, 2020). Que contribuem com a diferença no mundo, além da sua própria independência, tornam-se exemplo de força para muitas pessoas.

No mundo empreendedor, começa-se da necessidade, e não de possuir experiência para ter sucesso e começar a trabalhar, na prática começa-se a empreender do zero e vão se experimentando, testando o novo e conseguem sobreviver e crescer nesse fabuloso experimento que é o de criar e cuidar do próprio negócio e estas vivências e prática formam o que se chama de repertório.

O empreendedorismo e a inovação são fatores que necessitam de experiência que é adquirida pela vivência das práticas profissionais. Além disso, para experimentar essas habilidades necessárias ao desenvolvimento da cadeia produtiva é importante que se trabalhe de forma conjunta a fim de que se possa vivenciar o crescimento contínuo através da interação das pessoas. Portanto, “esses elementos se tornaram indispensáveis para as companhias que precisam adotá-los a fim de otimizar seus processos de forma criativa” (Motta, 2021).

2.4 A capacidade de decisão - o poder e autonomia geram a capacidade de decisão em qualquer âmbito, inclusive nas áreas de fecundidade

Sem (2007), ressalta que é possível evidenciar que o conhecimento ajuda no desenvolvimento das mulheres, com base nestes dados a mulher tem autonomia e liberdade na tomada de decisão, em qualquer área tem a capacidade de gerar impacto, inclusive nas taxas de fecundidade.

Portanto, cabe às mulheres que têm autonomia financeira e conhecimento na administração de suas vidas tanto no âmbito pessoal quan-

to social, cabendo a elas decidirem o momento de ter filhos ou mesmo de não tê-los, sendo livres em suas escolhas por conta da sua capacidade de administrar a própria vida.

Também há evidências consideráveis de que as taxas de fecundidade tendem a declinar quando as mulheres obtêm mais poder. Isso não surpreende, pois são as mulheres que sofrem o maior desgaste com as frequentes gestações e com a criação dos filhos, e tudo que aumenta o poder decisório das mulheres jovens e a atenção de seus interesses recebem tende, em geral, a evitar as gestações muito frequentes. Logo, quanto mais conhecimento mais desenvolvimento social.

O ato de tomar decisões faz parte de qualquer atividade humana, desde a mais simples e rotineira atividade individual, até o mais complexo projeto empreendedor de uma grande organização. Para cada situação existem diferentes problemas envolvidos e diferentes graus de dificuldade para se tomar uma decisão. Quanto maior for o número de alternativas, mais complexa se torna a tomada de decisão. Afinal, em um problema de decisão, seleciona-se uma alternativa de ação com a intenção de conseguir resultados ao menos tão satisfatórios quanto aquele que teria com qualquer outra opção disponível (Dacorso, 2000).

Portanto, quanto mais conhecimento maior desenvolvimento, a probabilidade de acerto acontece positivamente em qualquer área, inclusive na taxa de mortalidade infantil.

Tomar decisões é um ato que faz parte de qualquer atividade humana, do mais simples ao mais complexo empreendimento como destaca Dacorso (2000): para tomar decisões quanto mais conhecimento maior desenvolvimento e

probabilidade de acerto, isto é, acontece positivamente em qualquer área inclusive na área de mortalidade infantil a prova disso é que, onde as mulheres são mais desenvolvidas a taxa de mortalidade infantil cai acentuadamente.

Sem (2007) destaca que as mães conseguem dar atenção ao bem-estar dos filhos garantindo a eles uma qualidade de vida melhor, quanto maior for o desenvolvimento das mulheres menor é a taxa de mortalidade e flagelo tanto da população feminina quanto da população infantil.

2.5 Atuação expressiva da mulher em diferentes setores

A participação da mulher é revelada em qualquer contexto, onde atua positivamente o desenvolvimento do lugar acontece, uma área que tem a atuação expressiva da mulher é nas atividades agrícolas como destaca Sem (2007): a participação da mulher na preservação e conservação dos recursos naturais, a mulher olha o todo, tanto o seu desenvolvimento, como o do local onde vive, e vai além levar a sério a construção do próprio percurso, e está aqui a sua grande contribuição.

Outra área que cabe fazer destaque a participação feminina em ocupações econômicas é a das atividades agrícolas, relacionadas à propriedade da terra. Também nessa área, as oportunidades econômicas ao alcance das mulheres podem ter uma influência decisiva sobre o funcionamento da economia e das disposições sociais relacionadas. Com efeito, “uma terra própria” (nas palavras de Bina Agarwal) pode ser um fator importantíssimo para a iniciativa e a participação feminina, com efeito de longo alcance sobre o equilíbrio de poder econômico

e social entre mulheres e homens.

Questões semelhantes “emergem da compreensão do papel feminino no desenvolvimento do meio ambiente, particularmente na conservação de recursos naturais (como árvores), que apresenta uma relação específica com a vida e o trabalho das mulheres” (Sem, 2007, p. 234). Quando a mulher se põe na ação, contribui sempre com a sociedade.

2.6 Construir o próprio percurso

Ter plenitude é construir o próprio percurso, capacidade de autogerir-se, de manter viva a própria ambição, que se tem por inteligência e quanto mais se evolui, maior satisfação com aquilo que se é, como Meneghetti (2017) ressalta: “se constrói a felicidade individual, adquire verdadeira paz, conquista assim o mundo interior de si mesmo” (Meneghetti, 2017 p. 17).

A inteligência quando está viva tem sempre uma ambição de percurso e a vida é muito maior e apetitosa quando se evolui bem: há mais sede, mas também mais resposta para e da vida, que não havia quando se tinha 20, 30 anos. A exigência de viver de um jovem de 20 anos é um tanto estreita, muito materialista, não tem as capacidades de universos mais amplos. Em vez disso, depois se tem fome de qualquer satisfação que é espírito, inteligência, soberania de pessoa. Quando se alcançam os vértices da cultura universal, vive-se de intrínseca felicidade. Isso significa ser causa, autoprodutor da própria alegria. Tudo isso não depende dos outros: o próprio sujeito é nascente viva de si mesmo, por isso tem uma constante plenitude (Meneghetti, 2017 p. 17).

Desse modo, a plenitude humana relaciona-se à capacidade de evoluir continuamente, construindo o próprio percurso com inteligência, autonomia e consciência. Quanto mais o

sujeito desenvolve suas potencialidades, maior é sua capacidade de encontrar satisfação interior e sentido existencial. Assim, a verdadeira felicidade não depende exclusivamente de fatores externos, mas da capacidade de tornar-se protagonista e fonte ativa da própria realização.

2.7 As mulheres como microempreendedoras

Para a mulher uma das formas de construir a própria autonomia é a de ser microempreendedora. Pode-se começar a empreender mais cedo neste mercado tão promissor, que pode motivar outras mulheres na busca por caminhos onde possam conseguir sua liberdade econômica, e junto disso, vem a liberdade de expressão em diferentes contextos sociais. Além de se tornar uma empreendedora também ajuda na realização pessoal e profissional.

Quando se refere às microempreendedoras individuais, o perfil é um pouco diferente das demais empreendedoras. Em geral, são mais novas dentre todos os empreendedores, possuem filhos com menor idade e, a maioria, possui uma carreira prévia em outras empresas, trabalhando para terceiros, antes de decidirem montar seus próprios negócios e quase metade dos MEI são mulheres (SEBRAE, 2019).

As atividades de maior preferência pelas mulheres são: comércio de artigos de vestuário, serviços de cabeleireiros e atividades de estética. As mulheres com negócio têm uma presença proporcional mais elevada em setores de serviços e comércio, pois as atividades que predominam são os serviços de beleza como: cabeleireiras, pedicures e manicures, a venda por catálogos, farmácias e perfumarias e o comércio de armarinho, a fabricação de roupas sob medi-

da, artigos têxteis e de tecidos na indústria e a silvicultura e exploração florestal e a avicultura. Em contrapartida, os homens têm uma presença proporcionalmente maior nos setores agrícola e da construção.

Enfatizando que em diversos momentos da vida o necessário não é fazer o que se gosta, mas o que é preciso, como destaca Carla Sarni em uma entrevista para a Performance Líder (2025): “ser uma mulher de ação é não adiar nada, vivenciar cada momento, se estiver no trabalho viva o trabalho, olha aquele momento, faça dele algo de produtivo, saber usar a energia é vivenciar onde se está naquele momento” (Miranda, 2025).

E ainda a empresária destaca na entrevista a revista Performance líder:

Primeiro, acordo para fazer o que preciso, não somente o que gosto. Adultos fazem o que é preciso, crianças fazem o que gostam. Acordo para cumprir a agenda. Uma mulher de ação é alguém que não adia nada. Vou e faço. Simples assim. As coisas acontecem onde a nossa energia está. Se estou na empresa, estou na empresa de verdade. Se estou com meus filhos, estou com eles de verdade. Se estou com meu marido, estou com ele de verdade. A pior coisa que pode acontecer para um ser humano é estar fazendo uma coisa e querendo fazer outra naquele mesmo tempo. Você não tem paz para ter sucesso e prosperar (Miranda, 2025, p. 93).

Diante desta fala, pode-se observar e destacar que no caso da mulher empreendedora, esta constrói a sua autorrealização, seu espaço por meio do trabalho, da presença consciente e da capacidade de transformar desafios em crescimento pessoal e profissional. Assim, o empreendedorismo feminino representa uma expressão concreta de autonomia, protagonismo e realização.

2.8 O empreendedor

O empreendedor é um termo que especifica a coragem, vontade de começar no novo, capacitador de inovação e mudanças. Envolve, a capacidade de pensar de modo diferente das outras pessoas, buscar compreender e elaborar o que o mundo está necessitando, mesmo que tenham riscos nos empreendimentos, são mais racionais ao ponto de resolvê-los.

O termo empreendedor teve sua origem na palavra francesa *entrepreneur*, que significa “aquele que assume riscos e começa algo novo” (Dornelas, 2012, p. 19). O empreendedorismo é o processo de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas da satisfação e da independência financeira e pessoal.

Um empreendedor precisa encontrar, avaliar e desenvolver uma oportunidade, superando as forças que resistem à criação de algo novo. O empreendedorismo pode ser compreendido como a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação. Consiste “no prazer de realizar com sinergismo e inovação qualquer projeto pessoal ou organizacional, em desafio permanente às oportunidades e riscos. É assumir um comportamento proativo diante de questões que precisam ser resolvidas” (Baggio e Baggio 2015).

Os empreendedores pensam de modo diferente das outras pessoas. Além disso, um empreendedor em determinada situação pode raciocinar de modo diferente do que quando está realizando outra atividade ou quando está em um ambiente de decisões.

É frequente os empreendedores tomarem

decisões em ambientes extremamente inseguros, com altos riscos, intensas pressões de tempo e considerável investimento emocional. Nestes ambientes difíceis, todos pensamos de uma forma diferente do que quando a natureza de um problema é bem compreendida e dispomos de tempo e procedimentos racionais para solucioná-lo.

3 Aspectos metodológicos

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, que segundo Gil (2017), é aquela que se concentra em descrever e interpretar de forma subjetiva os componentes de um sistema complexo, buscando compreender a dinâmica e a abordagem de um problema. Não busca apenas quantificar, mas sim interpretar e dar sentido aos fenômenos, valorizando a perspectiva dos participantes e seus significados.

Desenvolvida através de revisão bibliográfica e narrativa autobiográfica. A revisão bibliográfica fundamenta-se nas obras de Antonio Meneghetti, (2013), (2014), (2017) e autores como Sem (2007), Gonçalves (2025), e outros.

Conforme Creswell (2014, p. 66), para a realização de uma pesquisa narrativa, “a análise dos dados qualitativos pode ser uma descrição da história e dos temas que surgem a partir dela”, assim será realizada a presente pesquisa, entrelaçando a experiência vivenciada pela autora, com aspectos elucidados na teoria.

A narrativa autobiográfica foi utilizada como instrumento de reflexão e análise da experiência vivida pela autora no contexto do empreendedorismo feminino, permitindo relacionar os conceitos teóricos com a prática cotidiana.

4 A narrativa autobiográfica de uma empreendedora – da estética a arte de saber servir

Começo a contar a minha história a partir dos meus 21 anos de idade, porque antes disso eu vivia a fantasia, a magia do ser vivente nesta existência.

Aos 21 anos, como acontecia com muitas mulheres dos anos 80, casar era considerado o projeto central da vida feminina. Mas, com o passar do tempo, comecei a sentir um vazio, como se algo faltasse. Mesmo antes da chegada dos filhos, eu já sentia dentro de mim a necessidade de algo mais.

Estava casada havia quatro anos quando decidi fazer um curso de cabeleireira, manicure e pedicure. Comecei atuando como manicure e pedicure, concluí minha formação e, logo depois, descobri que estava grávida do meu primeiro filho. Em seguida veio o segundo filho, e aquela vontade de encontrar algo além da família acabou sendo adiada.

Somente quando meus filhos conquistaram certa autonomia é que retomei esse desejo. Comecei a trabalhar em um salão de beleza, (lugar onde se corta cabelo e se cuida das mãos e dos pés). Logo nos meus primeiros trabalhos, eu era muito elogiada pela leveza das minhas mãos e pela qualidade do serviço.

Passaram-se poucos meses naquele salão e tomei a decisão de trabalhar por conta própria. Comecei a atender em domicílio, e isso deu muito certo. Em apenas um ano, já atendia clientes por toda a cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul.

Era incrível perceber como o famoso: “boca a boca”, funcionava. Fazia as unhas de uma cliente, ela gostava do resultado e logo indicava

para outra pessoa. E assim foi por muitos anos. Até que tomei a decisão de montar meu próprio espaço de atendimento. Abri meu espaço e foi incrível: não perdi clientes. Mesmo as mais distantes continuavam vindo até mim.

Me sentia plena realizando aquele trabalho. Hoje compreendo o motivo da satisfação das minhas clientes: a satisfação era minha também. Agora entendo que realizava um trabalho utilitário, funcional, mas acima de tudo artístico e humano. Comecei a trabalhar por necessidade de autorrealização, buscando fazer algo que me trouxesse prazer e alegria. Na época eu não compreendia dessa forma, mas sentia dentro de mim uma insatisfação que não era preenchida apenas pelo papel de “mulher do lar”.

Encontrei realização no empreendedorismo, na inovação e em cada novidade que apresentava aos clientes. Um exemplo disso era aplicar técnicas de pintura em tecido nas unhas. Eu pintava à mão livre paisagens, flores, frutos, fazia verdadeiras obras de arte ali.

5 Considerações finais

Ao longo deste percurso, foi possível compreender que o empreendedorismo feminino vai muito além da busca por independência financeira. Empreender, para muitas mulheres, representa a possibilidade de encontrar realização pessoal, identidade, autonomia e sentido para a própria existência.

A partir da minha trajetória de vida, tornou-se evidente que a insatisfação vivida por muitas mulheres não está necessariamente ligada à família ou à maternidade, mas sim à ausência de espaços em que possam expressar sua inteligência, criatividade e capacidade de realização.

Quando a mulher encontra uma atividade que lhe permite crescer, inovar e contribuir socialmente, é capaz de transformar não apenas sua própria realidade, mas também o ambiente ao seu redor.

Minha experiência no trabalho com estética e atendimento aos clientes mostrou que o empreendedorismo também pode nascer do cuidado, da arte e da dedicação. Cada conquista profissional foi acompanhada de crescimento interior, fazendo com que compreendesse, anos depois, que aquele desejo de “algo mais” era, na verdade, uma busca de autorrealização.

As contribuições teóricas apresentadas pela Ontopsicologia contribuíram para ampliar essa compreensão, permitindo observar que a mulher possui um potencial muitas vezes não conhecido por ela. A Ontopsicologia apresenta contribuições importantes sobre os aspectos da feminilidade para que a mulher aprenda a se conhecer, identificar suas capacidades e agir de maneira mais consciente em sua vida pessoal, familiar e profissional.

Conclui-se, portanto, que o verdadeiro empreendedorismo feminino não deve ser visto apenas sob a ótica da dificuldade ou da sobrecarga, mas principalmente como expressão de inteligência, liderança, responsabilidade e transformação humana. Quando a mulher desenvolve consciência do próprio valor e encontra espaço para realizar seu potencial, sua ação gera desenvolvimento positivo para si mesma, para sua família e para toda a sociedade.

Referências

- BAGGIO, A. F.; BAGGIO, D. K. *Empreendedorismo: conceitos e definições. Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, v. 1, n. 1, p. 25–38, 2014.
- CRESWELL, W. J. *Investigação qualitativa e Projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Tradução de Sandra Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DACORSO, A. L. R. *Tomada de decisão e risco: a administração da inovação em pequenas indústrias químicas*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- DORNELAS, J. C. A. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas. 2017.
- GONÇALVES, P. A. *Inteligência ao feminino e Donitã: contribuições da ciência ontopsicológica para uma logística do poder feminino*. **Revista Brasileira de Ontopsicologia**, 2025. <https://doi.org/10.18815/revbo.v5i07.107>
- HISRICH, R.; PETERS, M; SHEPHERD, D. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2024.
- INGIZZA, C. *Dia do empreendedorismo feminino: na crise, é preciso celebrar as mulheres*. *Revista Exame*, 19 nov. 2020.
- MENEGHETTI, A. *Feminilidade: como sexo, poder e graça*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.
- MENEGHETTI, A. **Psicologia Empresarial**. São Paulo: FOIL, 2013.
- MENEGHETTI, A. **Pedagogia Ontopsicológica**. Recanto Maestro: Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. **Inteligência e Donità.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.

MIRANDA, C. **Entrevista com Carla Sarni.** Performance Líder. Recanto Maestro, 2025.

MOTTA, M. **Inovação e Empreendedorismo.** São Paulo, 2021.

SCHAEFER, R; LOPES, L. **Entrevista com Nadir Moreno.** Performance Líder. Recanto Maestro, 2024.

SEBRAE. **Empreendedorismo feminino.** Bagé, 2019.

SEM, A. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Schwarcz Ltda., 2000.